

# CASTELO INTERIOR

## 1<sup>as</sup> MORADAS - Capítulo I

Este Castelo como já antes dissemos é, antes de tudo, o Castelo de Teresa, o da sua alma e da sua vida. Mas não fica simplesmente nela. Estende uma espécie de ponte levadiça e comunicante entre os dois Castelos, o dela e o nosso. A partir do seu humanismo e experiência religiosa, sai uma espécie de fluido comunicante que vem do seu Castelo ao nosso.

A Santa Madre dirige-se a cada um de nós, numa atitude positiva, falando-nos da “dignidade e formosura das nossas almas”. É assim que aparece logo no título do Capítulo I, dando uma chave de leitura ao Capítulo inteiro. Diz assim:

- Trata da dignidade e formosura das nossas almas
- Põe uma comparação para se entender
- Diz o lucro que há em entendê-la e saber as mercês que recebemos de Deus
- E como a porta deste Castelo é a oração

Sublinhemos a palavra “alma/almas”. A partir da primeira linha do livro, “alma e Castelo” equivalem-se na linguagem simbólica da obra. Na nossa linguagem de hoje “alma e Castelo” equivalem ao “homem”. Ela começará a falar “da dignidade do homem”.

### O mistério do homem

É a primeira surpresa. Para introduzir o leitor neste “tratado” de vida espiritual ou de teologia espiritual, a Santa Madre começa por falar do homem. E fá-lo em termos não só elogiosos, mas com o máximo apreço possível da dignidade humana. Como boa pedagoga que é, apresenta uma visão positiva, grandiosa, exaltada do homem.

Temos que deixar bem assente, como uma pedra angular que o homem é o mais parecido com Deus e que em si mesmo tem uma capacidade que o transcende: não só está feito à imagem de Deus, mas é capaz de contê-Lo. O homem não só tem vocação para Deus, é chamado à comunhão com Ele, mas o seu próprio ser humano está estruturado como “capacidade de Deus”, como espaço-morada de Deus, mais e melhor que o cosmos inteiro. O homem é um ser aberto a Deus e é o homem o cenário das relações com Deus. O encontro interpessoal, Deus-homem, produz-se na interioridade. Por isso a Santa Madre diz: “Ponde os olhos no centro” (*M I*, 2,8). É aí que está Deus, “o lugar onde está Deus” e também onde está o melhor do homem. Pôr os olhos no centro é orientar a vida para as fontes do ser. Não há homem, ser, sem interiorização, sem enraizamento em Deus e em si mesmo. Não se trata só de que Deus esteja, mas de que se participe da Sua vida. O estar autêntico é participação de vida, é comunhão.

A alma do homem é apresentada como um Castelo, “um Castelo todo de diamante ou de mui claro cristal”. É uma jóia transparente e enorme, em cuja interioridade há muitos aposentos, grande “como o céu, onde há muitas moradas”.

Logo de seguida, a Santa Madre apresenta também o Castelo, como algo muito terrestre e realista: um Castelo guerreiro, bem firmado na rocha do nosso corpo e, por dentro, cheio de vida e de problemas...

Ao longo do livro o Castelo seguirá um processo de iluminação interior; à medida que se aproxima do centro, mais luz tem, pois Deus vive no centro, sempre, é uma Presença activa, criadora de vida, fonte de luz.

O Castelo guerreiro desenrolará um processo de luta e de conquista. Será este segundo simbolismo o que vai prevalecer, pois a Santa Madre tem alma de combatente e sabe bem que a vida humana é um combate, e ela quer comunicar esta ideia ao leitor, para que este não sucumba à tentação de imaginar uma falsa paz no caminho que o espera.

### **Três pedras basilares: fundamentação bíblica do Castelo**

A Santa Madre, quase sem se dar conta, ao lado do símbolo do Castelo, recorreu ao apoio da Palavra bíblica. Extraiu da Palavra de Deus três afirmações, que são três palavras bíblicas:

- Que no Castelo da alma há muitos aposentos, “como no céu há muitas moradas”. É uma palavra de Jesus no evangelho de João: “Na casa do Pai há muitas moradas” (Jo 14, 2). Já no *Caminho* a Santa Madre tinha explicado que a alma do homem é o “céu de Deus”.

- Que a alma do justo é um paraíso onde Ele diz ter as suas delícias. É uma palavra do *Livro dos Provérbios*: a Sabedoria “tem as suas delícias em estar com os filhos dos homens” (Pr 8, 31).

- E que o “próprio Deus nos criou à Sua imagem e semelhança”. É o célebre texto do Génesis: “Façamos o homem à nossa imagem e semelhança (...) e criou Deus o homem à Sua imagem, à imagem de Deus o criou” (Gen 1, 26-27).

Este texto também esteve presente na experiência profunda de Teresa, como ela conta: “Como estava [eu] espantada de ver tanta majestade em coisa tão baixa como a minha alma, entendi: “Não é baixa, filha, pois está feita à minha imagem” (*Relação* 54).

Através da experiência interior, essas três palavras bíblicas passaram ao tecido da vida e convicções da autora, e agora convertem-se em pedras basilares do Castelo.

### **E nós, acreditamos nestas maravilhas, que nos esperam no Castelo?**

Destas três palavras bíblicas, há uma que serve a Santa Teresa para fazer uma espécie de catequese preparatória e para dizer a maravilhosa comunicação de Deus com o homem. Deus é o centro da história que nos vai ser contada, é o protagonista da hominização (= salvação) do homem. Por isso o Castelo narra o que Deus faz no e ao homem. Esta palavra bíblica que ilustra esta comunicação de Deus com o homem é do *Livro dos Provérbios*. Depois de afirmar a dignidade e formosura do homem, e ante as maravilhas que se encontrarão ao entrar no Castelo, pergunta se tal é possível. Claro que é possível, pois o plano de Deus acerca do homem é maravilhoso. Só conhecer esse

plano nos deveria despertar a mais amor. Quem puser isto em dúvida, é que muito dificilmente chegará a sabê-lo por experiência, “porque Deus é muito amigo de que não ponham (não ponhamos) medida às suas obras”.

Poderíamos escutar aqui aquela pergunta de Jesus: “Tu acreditas que posso fazê-lo...? Tudo é possível para quem crê...”.

E porque se comunica Deus? Para Se revelar. Deus manifesta-Se, dando-Se. Não dá porque seja bom o homem, mas porque Ele é bom. É importante saber que Deus Se comunica para nos despertar a amá-Lo. É preciso estar aberto a Deus que faz mercês, a “um Deus amigo de que não ponham medida às suas obras”, como já dissemos.

Então é assim que Teresa abre o Castelo interior. Pronuncia uma palavra grande, profunda, luminosa sobre Deus e o homem em relação de amizade. É como se nos estivesse a dizer: com este Deus vais tratar. Então abramo-nos, agora, desde já, a este Deus, ainda que não nos apercebamos d’Ele em lado nenhum. É o segredo do “êxito” espiritual.

### **Entrar no Castelo**

“Pois, voltando a nosso formoso e deleitoso Castelo, temos de ver como poderemos entrar nele.

Parece que digo algum disparate; porque, se este Castelo é a alma, claro que não se trata de entrar, pois se é ele mesmo, pareceria desatino dizer a alguém que entrasse num aposento estando já dentro. Mas haveis de entender que vai muito de estar a estar; que há muitas almas que ficam à volta do Castelo”. (MI, 1,5)

A Santa Madre sabe por experiência que o homem se pode esvaziar a si mesmo e derramar-se como água no exterior.

Destas duas vertentes, de interioridade e exterioridade, que tem o Castelo, esta segunda pode cancelar a primeira. Podemos exteriorizarmo-nos até à alienação. Ao contrário, quem se interioriza, converte-se em centro de gravidade do circundante.

A este propósito a Santa Madre atreve-se a escrever uma palavra dura. O homem pode afastar-se do interior de si mesmo, até se desconhecer e tornar-se quase animal, vivendo “à roda do Castelo”, ou conviver no fosso do corporal e sensual “com as sevandijas e alimárias que estão à roda do Castelo” (n. 6). E daí a palavra dura da Santa Madre: “Isto seria grande bestialidade” (n. 2). Seria reduzir o homem à condição de animal. De tal forma era dura a palavra usada pela Santa Madre, que o Padre Graciano, ao ler o manuscrito, mudou-a para “abominação”. Mas a Santa Madre necessitava de dizer na forma mais forte possível que o desalojar-se da própria interioridade é uma das maiores aberrações do homem. No estado de “bestialidade” o homem não sabe quem é, carece de sensibilidade interior, espiritual. Vive fora de si mesmo. Quando muito “sabem que têm alma” (n. 2), isto é, uma interioridade, vivendo à roda do Castelo... não se lhes dando nada de entrar dentro, “nem sabem o que há naquele tão precioso lugar, nem quem está dentro” (n. 5).

Estas são almas tolhidas, almas sem oração. Destas ela não fala, mas só das que “entram no Castelo”, isto é, aquelas que se convertem aos valores espirituais, mas arrastam a situação anterior: “Almas acostumadas a estar em coisas exteriores...” (n. 6). São pessoas que vivem em dispersão e derramamento, em exteriorização e, consequentemente, em debilidade extrema.

Por isso, não basta conhecer o Castelo, é preciso entrar nele. Como?

## A porta do Castelo

A esta pergunta a Santa Madre responde com outra afirmação categórica: “Tanto quanto eu posso entender, a porta para entrar neste Castelo é a oração e reflexão” (n. 7).

Para entrar no seu Castelo, há só uma porta: a oração. Ao ler estas palavras, Edith Stein ficou muito admirada e desconcertada, e pergunta: “Quer isto dizer que nós os filósofos e psicólogos não chegamos a entrar no recinto interior do castelo? Precisamente o psicólogo, que é por definição o especialista da psique, não tem passagem livre ao interior da alma?”

Edith Stein rapidamente caiu na conta da profunda visão da Santa Madre. Para ela, a interioridade do homem tem algo de sagrado. O Castelo está habitado por Deus. Entrar nele é relacionar-se com Deus na morada interior, aí onde a pessoa é pessoa, e se encontra com outra Pessoa. É isso o que requer um gesto não profano, mas religioso. É uma tarefa reservada à oração. Orar é passar a porta do Castelo e começar a relacionar-se de forma pessoal com Deus, é entrar no conhecimento de Deus e de si mesmo, é converter-se a Deus e a si mesmo. Diz a Santa Madre: “Enfim, entram”, ainda que seja “cheios de mil negócios”. “Já muito fazem em ter entrado.”

A oração serve para tipificar/definir a pessoa na sua totalidade, mostra a situação espiritual do homem. Eis como nos apresenta a Santa Madre os **moradores das Primeiras Moradas** que chegam a entrar no Castelo:

### Aspectos positivos:

- “Têm bons desejos”.
- “Algumas vezes, oram”.
- “Procuram algumas vezes desocupar-se” das coisas do mundo.
- “Andam com desejos de não ofender a Deus e fazer boas obras”.
- Entram nas Primeiras Moradas, as mais baixas, e já muito fazem em ter entrado.

### Aspectos negativos:

- “Muito metidas no mundo”
- “Muito apegadas a eles” (negócios do mundo)
- “Embebidas no mundo, e engolfadas nos seus contentamentos, e desvanecidas com suas honras e pretensões”
- “Não têm força os vassalos da alma (que são os sentidos e potências naturais que Deus lhe deu), e facilmente estas almas são vencidas”
- “Resiste menos, como quem tem em parte perdida a esperança de vencer”

Ao ler estes aspectos positivos e negativos, damos-nos conta de que o alcance ascético do esforço destas pessoas se valoriza mais pelo início do movimento de interiorização, do que pelos resultados em si mesmos. Assomar ao mundo que levamos dentro de nós, Deus e o próprio eu, revela já uma descoberta, ou pelo menos, um despertar “a algo mais”, “a algo distinto”. Com esta descoberta, nasce a vontade de entrar, decidindo-se o homem a dar outra direcção à sua vida, a cultivar outros valores. É uma entrada condicionada, já que tudo quanto arrasta consigo não lhe permite “ver” as riquezas interiores.

A Santa Madre ressalta o positivo: “Enfim, entram”. É um verdadeiro triunfo, dada a atracção que o “mundo” exerce sobre quem “anda engolfado” nele. O mundo não é só uma força que nos atrai de fora, mas entrou dentro de nós, empapa-nos, estamos nele engolfados. E isto provoca uma grande debilidade de todo o nosso ser: tira-nos energia para viver, sangra-nos, embrutece-nos, isola-nos, tornando impossível toda a

comunicação. O mundo rouba-nos o melhor que temos: a nossa capacidade de relação, não nos deixando escutar a Deus, nem aos outros, nem nos dizermos a eles. O mundo arrasta-nos atrás de si, desterrando-nos de nós próprios. Torna-nos de tal forma impotentes, que a Santa Madre diz: “Não há remédio nem podem entrar dentro de si” (n. 6).

### **Quem entra na Primeira Morada?**

A Santa Madre recordou ao longo do Capítulo, três episódios bíblicos singulares. São imagens de quem, estando fora do Castelo, está convidado a entrar. Ei-las aqui:

- A figura bíblica da *mulher de Lot* (Gen 19, 26), imagem daqueles que não olham para si, para o interior. O homem exteriorizado converte-se em estátua de sal.

- O *paralítico da piscina de Betsaida*, incapaz de se levantar para se lançar na água, mas que tem a graça de se encontrar com Jesus que o cura (Jo 5, 2-8)

- O *cego de nascença*, que logo começa a ver, graças ao encontro com Jesus (Jo 9, 7).

O segundo tipo evangélico tem para a Santa Madre uma especial força significativa, como ela narra: “Dizia-me há pouco um grande letrado, que as almas que não têm oração são como um corpo paralítico ou tolhido que, embora tenha pés e mãos, não os podem mexer; e são assim: há almas tão enfermas e tão habituadas às coisas exteriores, que não há remédio nem parece que possam entrar dentro de si mesmas.” (M I, 1,6)

Doentes, vítimas de certa atrofia espiritual, todos precisamos da graça de Jesus para nos pormos a andar, e passar essa subtil barreira que faz de diafragma entre a esfera do sentido e o mundo do espírito. Este paralítico é a imagem do homem sem oração, exilado de si próprio, sem interioridade.

Em síntese, se queremos entrar nas Primeiras Moradas, temos que caminhar sem olhar para trás, e confiar em Jesus, que nos livrará das amarras misteriosas que nos impedem de atravessar o umbral de nós mesmos. Jesus é a presença fortemente vivida ao longo de todo o processo espiritual, ao longo das Moradas. Por isso a Santa Madre, logo desde o início deste caminho, pede-nos para pôr os olhos em Cristo. Será Jesus quem dará luz aos nossos olhos, para começarmos a ver as maravilhas do nosso próprio Castelo, e conseguirmos encontrar-nos com Deus dentro de nós.